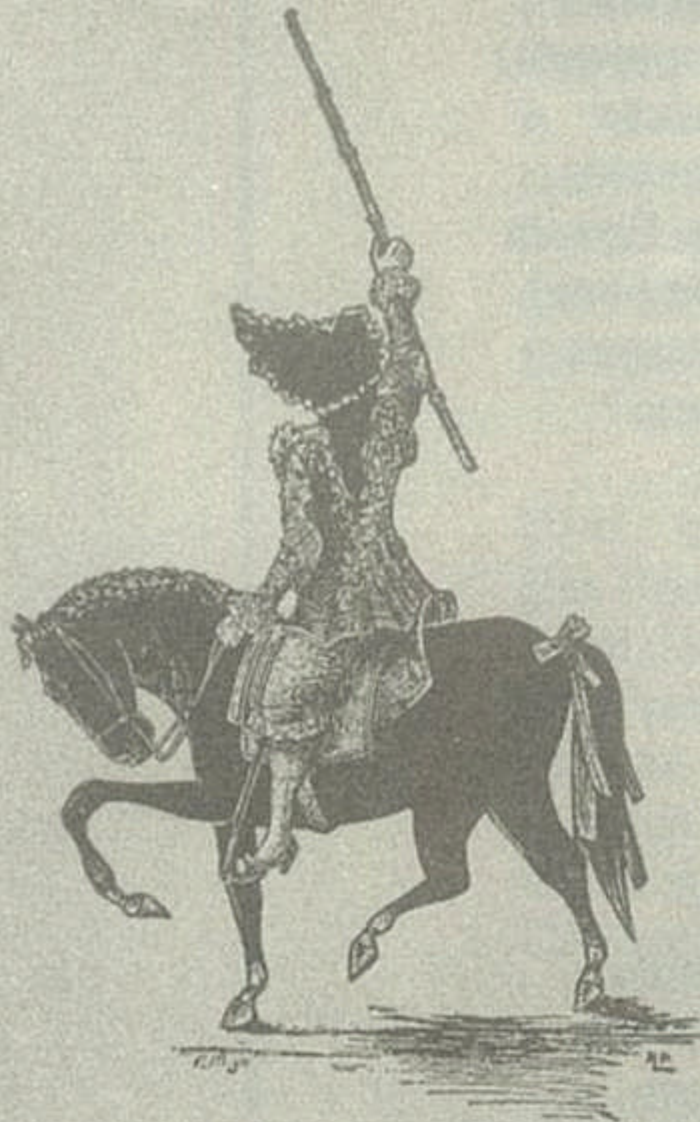


O Pregão de S. Nicolau

Recitado por MÁRIO LUIS ALVES MAGNANO aluno do 12.^o ano do Liceu Nacional de Guimarães



O PREGÃO DE S. NICOLAU

BANDO ESCOLASTICO

Proclamado nas ruas e praças da velha
Vimaranes pelo aluno

MÁRIO LUIS ALVES MAGNANO

e pelo Autor dedicado.

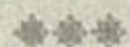
"Aos professores que fazem do ensino uma
força maior que o destino!"

A amigos, manos meus, tios e tias
Primos varões, cunhados e compadres
Damas de muito ter, mulheres a dias
Minhas primas, parentes e comadres;
Vocelências de muitas senhorias
Ministros foliões, doutores e padres
E quantos 'l de tantas confrarias
Em véias se desdobram aos confrades:

Calai a boca! É uma intimação!
Queda de pronto num silêncio inteiro
Pois quero aqui botar o meu Pregão
Ser voz de Nicolau, o Padroeiro
Da Festa Estudantil que a Tradição
Ensina ser de todos o primeiro.
Ouvir ou não ouvir, eis a questão
Que o discurso não é eleição!

Ó Deuses do Olimpo, calma aí!
Que Minerva não seja espeznhada
Nessa corrida que vos traz aqui
Para escutar a voz da estudantada:
Que Mercúrio não largue o caduceu
E Baco, de caneca alevantada
Não corra mais que Eros ou Tesou
A trazer-me a mensagem inspirada...

S. Nicolau, o Santo, manda e pode!
E se de Conso houver um bom conselho
Arruma aí uns jeitos de pagode
E faz um novo lugar do velho
Pois só desta tristeza nos sacode
Nicolino Pregão em uso velho
Que por mais que o mundo gire e rode
Terá de ser do mundo bom espelho!



No Olimpo serão decerto já
Aqueles Nicolinos a que a Morte
Julgou levar de nós; mas estão cá
Estão presentes e por nossa sorte
Mais presentes ainda neste dia
Em que a Festa reflete como um ralo:
Revivem hoje todos e o Para
Abraça la no Céu o bom Sampaio!

E cercada de todos, recordada
Como santa maior entre as véibinas
Sentimos ser presente e alvorçada
Também na nossa Festa a Sor Aninhas.
Todos aqui! Todos a nosso lado
No mágico milagre, no conforto
De mais valer um morto recordado
Que viver-se esta vida feito morto!

Ó Santo Nicolau, meu bom santinho
Permite que termine a evocação
Daquelas que na luz do teu caminho
São hoje só bela recordação!
Faz aqui mostras mais de teu carinho
Trazendo a meu destino a inspiração
Fazendo em minha tola o teu carinho
Ditando para ela o Teu Pregão!



Povinho meu! Alegria-te comigo
Nesta onça actual das votações
Pois tou o candidato é um amigo
Disposto a recolher opiniões
E fustinha fazer-te no umbigo
Realizando as tuas ambições!
Que façam festas aqui onde não digo
Mas que baixem o preço dos melões...

Um promete que faz, faz o contrário
Outro diz que já fez e conseguimos,
O outro que o feito é tão precário
Que só resulta o mal que nos sentimos;
Tem um a solução, outro a receita
Se um diz a verdade outro não mente,
Se um diz que já viu, o outro espreita
E se qualquer reatou ninguém o sente...

São todos uns senhores muito "istas"
E cheios das melhores intenções;
Homens de tino e de largas vistas
— Sujeitos de soberbas orações —
Inventam por aí as melhores pistas
Para ao Progresso dar uns safanões:
Sejamos como eles altruistas!
Sejamos como eles maganões!

Pois tu que já escolheste os deputados
E mandaste às urtigas as sondagens
Demonstrando teus gostos requintados
E o gosto de ver outras paragens...
Porque fingias não saber de nada
E na surreia, sem dar mais cavaco
Desto no Santos aquela cavacada
Que o fez meter sua viola ao sacco?

Foste tu o culpado, já se vê
Ninguém duvida e tudo está conforme:
Tu foste à pinga do Pê Erre Dê
E deste no Pê Esse tosa enorme!
O que o Lucas decerto não esquece
— E jamais perdoará esse teu fracó —
É teres manguitado o CêDêEsse
Dando de borla o voto p'ro Cavaco!

Eanes bem decerto lá do alto
Achoi sua estratégia bem certinha
Por saber que de tino não és falto
E gostarías muito da Nelinha...
Na luta do poder e seu domínio
Muitos por'í afirmam bem o dente
Enquanto ri feliz o "seu" Herminio
No serviço prestado ao Presidente!



Agora vais votar nas autarquias
— Chorriilo de eleições feitas à bessa —
Coisa que antigamente não fazias
Por havermos só de um a só promessa.
E cá pela cidade tens o Costa
Em lugar do Ferreira o Magalhães
Outros ainda que virão de amostra
Para servir a velha Guimarães...

Que para presidente em Guimarães
Tu já tens mais de cinco a escolher.
Escolhes no Pê Esse o Magalhães
E no Pê Esse Dê o Xavier...
Mas se tua vontade é mais aquela
Aqui te venho dar o meu auxílio:
Votando APU elvges o Capela
E no PêErreDê tens o Emilio!

Eu cá por mim só voto em Nicolau
E a vossa ergo aqui o meu copinho
Que tinto ou branco este ano não é mau
Havendo até fartura de bom vinho!
Escolhe certo, amigo, pde-te a pau
Que anda por aí mal rotulado
Muita gente trepada no degrau
Que tem atravessado tua escada...

Fica de fora a malta de Vizela
Afelta a discutir e não votar
Enquanto o concelho não for dela
E o PêPêEme não lho poder dar;
Que termine de pronto esta querela
E feito ali concelho exemplar
Retirem as band-eiras da janela
E luz e água comecem a pagar...

Mas tu aí, tu que não votas, "deitas"
— Um tanto já cansado de votar —
Podes dar opção ao Doutor Freitas
Ou por os passarinhos a cantar...
E no direito de um juízo vário
Para certa opção bem genial
Tu podes preferir votar no Mário
Ou escolher até um general!

Mas outras aves surdem do silvado
Do matagal tremendo em nosso meio
Que no hábil discurso, bem tramado
Mil cate-drais constrõem de paleo...
Todos desejam que o progresso venha
Todos querem teu bem e por inteiro!
Por isso o nosso amigo é douto Zenha
Já nos salta encartado no terreiro...

Nunca vimos assim tanto chilreio
Nem tão alegre o gordo passarinho
Que de larvas e moscas e centeio
Pretende encier e enche seu papinho!
Pois tudo serve à ave sem igual
Que tudo come, de minhoca a sapo:
Nunca se viu assim em Portugal!
Um tão grande impudor, tão grande papo!

E falam de progresso os progressistas
Os gentia mentores da "idéia nova"
Que prenhes de idéias modernistas
Nosso progresso lançam para a cova!
E a cada promessa chocartela
Que por aí nos faz qualquer ministro
Logo pensam arr'peta e abrifela
Joga por traidão sempre benquista...

Num leque de opções tão alargado
Hesitando te vejo tantas vezes
Que receio não teres 'inda pensado
Dares teu voto útil ao Menezes!
E triste fico por te ver assim
Indeciso a pensar em quem se vota:
Até parece o João Jardim
Que não quer Freitas nem sequer o Mota!



Acode-nos aqui, ó Cavaquinho
Que é tempo de tentar fazer mudança:
Vê lá como governas, juizinho
Não vás traír do Zé a confiança...
Começa por suster a inflação
Fazer o preço a tudo, até ao vinho
Que este ano de abundante é muito bom
Para alegria mor do Zé Povinho!

Se dizem por aí que és dos fortes
Põe já na carestia um bom travão
Faz poda nesses preços, dá uns cortes
Acaba já com a especulação
Que começando aqui pelos transportes
Vestimenta, calçado, educação
Fazem morrer o Zé mais de mil mortes!
Arranca no sinuca um estorvão...

Pois neste Portugal modernizado
Onde tudo se presta à confusão
O Zé Trabalhador sacrificado
Vê o escudo valer por um tostão:
Se tudo vai crescendo e aumentando
Desde a renda da casa até ao pão
Não vê crescer um chavo ao ordenado
E vive já cansado de ilusão!

Vem comigo comprar de carne um naco
Ao médico, à farmácia e ao dentista
E tu verás como o escudo é fraco
E a carteira mais nua que nudista...
Acode-nos aqui, ó bom Cavaco
E mostra quanto sabe o economista
Sobre quantos por'í enchem o sacco
Fazendo profissão de vigarista!

Acode aí, ó douto economista
Ao pobre espoliado, ao pobre Zé
A quem pedes que sofra e que resista
A todos estes tratos de polé:
Ajuda-o a fugir dos vigaristas
Garante-lhe o emprego e mais o pré
E se puderes, livra-o dos prestamistas
Que o espreitam lá da Cê É É!



Da urbe pouco há que valha a pena
Aqui rememorar para o futuro:
A vida corre igual, nem sempre amena
E cada um procura o próprio furo!
Andam todos por'í na rutacão
E tantos os actores que entram em cena
Que a Cidade, Berço da Nação
Para tanta ambição se faz pequena...

Faz o nosso Torinha um bom papel
E temos uma equipa de arrebenta!
Quando um golo nos marca Cascavel
Três pinotes de gozo dá Pimenta:
Levanta-se a bancada de tropel
E zabumbando o povo mais esquento:
Quer mais golos, quer golos a granel!
Já não lhe chegam sete, quer setenta!

Por quanto na cidade vai de asneira
E não se pode já remediar
Não tornem só as culpas ao Ferreira
Pois outros mais teremos de culpar
E culpada será muito mais gente
Que o pagode se faz de pagod-eiras
E não se queda ali na Gil Vicente
No aborto chamado das Palmeiras...

Nosso Castelo, se vera a tradição
Por Muma construido e tão roqueiro
Merece em nossos dias compaixão
Por quanto em sua volta e seu terreiro
Encontra o mais pacato cidadão
E topa o distraldo forasteiro:
E logo vai ao seu nariz a mão,
Para evitar as ondas do mau cheiro...

Há mais de trinta anos prometida
A nova estrada Guimarães ao Porto
Ainda por Lisboa vai perdida
E para eu lá ir as curvas corto:
Otrora num hora conseguida
Tal viagem se faz num burro morto
Que em relinchos de dor logo à partida
Trinta horas depois lá chega torto!

A nossa gratidão a João Franco
Que fez desta cidade o empedrado
Senão... além de morto estava manco
O burro em que me faço transportado!
E nossa gratidão para o Pacheco
Que tanto arte pôs no paralelo
Senão o burro andava já marreco
E Guimarães nem tinha seu Castelo!

Quando se pede qualquer melhoramento
Logo a resposta vem: que falt' a verba
Ou que dela não fala o orçamento
Ou outra coisa assim "ipsis verba"...
Vive o portuga assim neste tormento
Da original resposta que o enerva
E no lugar de estrada ou monumento
Só vê crescer a mais daninha erva!

Galinha gorda por pouco dinheiro
Todos sonham comprar lá no mercado
Que foi renovadinho por inteiro
Quando melhor seria reformado...
Estou a ver ali o regateiro
Em cima da bancada pendurado
E o pagode todo no chuveiro
Saído mais roubado e mais molhado!

Pois ali foi o feito badalado
A cena teatral e magnifica
De ser um talho pré-inaugurado
Na apreensão da arca frigorífica:
Ao ser à força a arca arrastada
As vozes do edil ali mandante
Levava dentro, aos b'rrros, congelada
A mulher corajosa do marchante!

Já na Costa se fez nova Pousada
Para o nosso turismo impulsar
Mas de acessos p'ra ela, isso nada:
Quando virá a nova circular?
Mas já agora aqui vos lembro eu
Que o autor da obra inaugurada
Foi o doutor Bernardino Abreu
Esquecido na hora da mamada...

Aqui São Nicolau lhe faz justiça
Ao verberar solene a omissão:
Embora ele não vá à vossa missa
Merece de nós todos gratidão...
De progresso por cá quanto se esquiça
Soltou ele a semente em sua mão
E desbravou a terra, foi à liça:
Está ali de pé a Conceição!

Depois da arrancada pioneira
Que fez no Centro um outro Nicolino
De nome Castro e para mais Ferreira
... O progresso gelou no Bernardino!
De resto, "Che" p'raqui e "Che" p'raí
Mais poste menos poste ou candeieiro
Mais sinal, tabuleta, mais "regi"
O progresso da urbe vai solteiro!



Agora damas minhas, senhorinhas
A vossa vez será no meu namoro
Pois mal penso dizer umas coisinhas
Logo fico indeciso, logo coro:
Não me mostreis assim essas perninhas
Tende pena de mim e mais d'coro
Pois de certo sabeis que as galinhas
Não provocam no galo o desaforo...

Nós tr-zemos amor para vos dar
Numa troca sincera de ilusões
Mas não nos deixaremos enrolar
Pelo demo fatal das tentações:
Queremos só a vossa confiança
Vossa ternura imensa e muito sa
E levar-vos na ponta de u'na lança
Uma prenda de Amor feito maçã!

Deixai-vos ser, ó Evas, adoradas
Como já vossas Mães toram primeiro!
Nada de imitações nem macacadas
Nos zabumbas da Noite do Pinheiro...
Não vos chegam as nossas zabumbadas
Nosso bater de rijo tão c-reteiro
E nossas maçanetas levantadas
Num treino que levou a ano inteiro?



A dolórica América chegue o som
Que ai sai das peles retezadas
Qual fúria de Vulcano, qual trovão
De um milhão de bombas rebentadas!
Levai a maçaneta a boa altura
Usa-a qui! marreta e à marretada
Fazei da nossa Festa a cobertura
Já que a TêVê por cá nunca fez nada...

Caramba! Alto aí e pára o baile!
Eu já fal-i demais por hoje aqui:
Enfestal-me essas bombas! Açapal-lhe!
Batel de rijo em louco fresteli!
Mostrai agora a todos como é
Dos filhos de Minerva a força mor:
Alogue-se em barulho a C. E. E
Deixe-se o mundo todo em estupor!

Caramba! Siga o baile e para a frente!
Este Pregão vai longo em demasia
E o gajo que o fez é repetente
E deve ter na tola uma avaria...
Soltai das caixas o barulho ingente!
Soltai dos bombos fúrias de canhão!
Obrigadinho, Povo, ó boa gente:
Pelo autor vos peço eu perdão!

A. Motelet Graça, 1985
Nov. 1 85 - Festa Nicolinas
Guimarães

Tipografia NOVO DIA - Guimarães 20-11-85